Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 89 Setembro de 1974 Ano X

A Farsa Eleitoral de 15 de Novembro

Mais uma pantomima encenada pela ditadura terá lugar no próximo dia 15 de novembro. Nessa data, haverá pseudo-eleição para renovar a composição das Assembléias Estaduais, da Câmara Federal e do Senado. De antemão é conhecido o resultado do pleito. Sabidos também são os nomes da maioria dos que irão aboletar-se nas cadeiras de pretensos órgãos legislativos - velhas raposas da mais abjeta política, desprezíveis policiais e alcagüetes ou descarados aproveitadores sempre prontos a servir aos poderosos do momento. Como em idênticas ocasiões de passado recente, o povo brasileiro manifestará uma vez mais sua enérgica repulsa a esse cínico manejo dos generais fascistas. Responderá à farsa com o voto nulo, com o voto em branco ou com a abstenção.

Depois de abril de 1964, no Brasil, o único poder existente, arbitrário e absoluto, que não se submete a nenhum controle da nação, é o dos militares reacionários, a serviço das forças mais retrógradas do país e dos imperialistas norte-americanos. Esse poder combina, por conveniência, o sistema autoritário e fascista em vigor com a presença, no quadro político, do Legislativo, do bipartidarismo e de eleições periódicas.

Mas de que Legislativo, partidos e eleições se trata?

Senado, Câmara Federal e Assembléias Estaduais nada legislam de sua própria iniciativa. Aprovam, sem restrições e maior exame, tudo o que lhes envia o Executivo. Deputados e senadores são obrigados a apoiar o que dita o líder do partido. Se discordam, infringem a lei da fidelidade partidária. Não podem debater as questões que interessam à nação. Quando algum dentre eles ergue a voz para condenar abusos e violências e denunciar as mazelas do regime é ameaçado, cassado ou enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Trata-se de um Legislativo de fachada, sem qualquer poder nem condições para contrariar no mínimo que seja a vontade do ditador de plantão. Particularmente nestes últimos quatro anos, demonstrou sua completa inutilidade e clamorosa subserviência. Homologou pressuroso os projetos de cunho antinacional e antipopular encaminhados pelo governo. Assistiu calado, e portanto cúmplice, à repressão sangrenta desencadeada por Médici, que resultou no assassínio de centenas de patriotas e na tortura, em quartéis e na polícia, de milhares de brasileiros. Manteve-se silencioso ante a entrega das riquezas do país aos trustes internacionais e face à exploração feroz dos trabalhadores das cidades e do campo. Os parlamentares, de Brasília ou dos diferentes Estados, com raras exceções, são verdadeiros trastes políticos. A única coisa que fazem é embolsar gordos proventos para posar de legisladores e dar cobertura aos atos tirânicos dos militares que usurpam o Poder.

Os dois agrupamentos, artificialmente criados, que se exibem sob as siglas de ARENA e MDB não passam de simulacros de partidos políticos. Meros conglomerados de gente sem bandeira, constituem peças accessórias da máquina de opressão montada pelo Sistema. A ARENA, com seus diretórios, líderes, governadores e candidatos a postos eletivos designados pelos generais, não pia nem chia sem receber as ordens de cima. Havido como oposição consentida, o MDB presta-se a todas as artimanhas da reação. O maior cuidado de seus dirigentes é vigiar a atuação dos membros mais decididos do partido que teimam em ser oposicionistas. É sintomático o fato de sua direção ter-se conservado inativa diante da investida revoltante contra o mandato do deputado Francisco Pinto, processado por haver exprimido os sentimentos do povo brasileiro de repúdio ao sanguinário ditador do Chile. Atualmente, sob a batuta de Geisel, o MDB vai-se transformando numa espécie de ARENA de segunda classe, num ajuntamento bem comportado, destinado unicamente a coonestar as atividades da ditadura. O processo está em marcha com o expurgo, aberto ou camuflado, da ala dos denominados "autênticos". Acima de ARENA e MDB paira o partido dos militares, arrogante e totalitário, este sim, detentor das rédeas do Poder. Embora não apareça formalmente como organização político-partidária, existe e domina, sobrepõe-se à esmagadora maioria da nação. É este partido, no qual se verificam também lutas entre camarilhas, que, na sombra, indica os governantes, faz as leis, nomeia as autoridades principais, manda e desmanda, persegue democratas e assassina patriotas.

Continua na pág. 2

Continuação da Primeira Página

E que sentido podem ter as eleições periódicas? Em realidade, são disfarces imorais do despotismo. Eleição, nos regimes democráticos, pressupõe escolha de pessoas apontadas por partidos políticos que representam correntes de opinião, debate livre de programas, liberdade de reunião, compromisso dos candidatos com os eleitores. Num ambiente em que é proibido enunciar idéias, interferir na indicação de candidatos, criticar os governantes, contestar os regimes de opressão, num clima em que quem não se conforma com a situação é duramente perseguido, preso, torturado e mesmo assassinado - eleição é uma fraude grosseira, um arremedo extravagante e surrealista de consulta à vontade popular. Presentemente, não há escolha. O eleitor, se votar, chancela simplesmente a indicação de nomes manipulados por um pequeno grupo e revisados cuidadosamente pelo Serviço Nacional de Informações.

Sob o domínio dos generais, o chamado Poder Legislativo abastarda-se sempre mais. O do quadriênio 70-74 foi pior que o do período 66-70. O que sair das "eleições" de 15 de novembro será ainda mais apático, servil e nauseabundo, inexpressivo e claudicante que o atual. Geisel, visando a ampliar a base política da ditadura, tem declarado que pretende prestigiá-lo e dispensar maior consideração aos seus membros. Na realidade, deseja um Congresso dócil e apagado, sintonizado em tudo e por tudo com o comando castrense do Palácio do Planalto. Precisa-o assim para tentar levar a cabo sua tarefa de institucionalização do fascismo. Daí a orientação que traçou para a "campanha eleitoral", restringindo-lhe mais ainda os acanhados objetivos, impondo-lhe limitações de toda ordem e fazendo ameaças como as que constam de seu discurso de 29 de agosto: (O governo)" não aceita nem poderia admitir jamais pressões indevidas ou campanhas reivindicadoras de indivíduos ou de grupos quaisquer que, sob variados pretextos, empunhando até mesmo a bandeira de nobres ideais e valores eternos, pretendem forçar mudanças e revisões inconvenientes, prematuras ou imprudentes, do quadro político nacional". Os que assim procedem - disse ele - são subversivos. E concluiu: "Os órgãos de segurança continuarão atuantes (...) para salvaguarda das instituições e da ordem pública". Todo o mundo sabe o que isto significa.

Não é de admirar, portanto, que a campanha eleitoral se arraste tão monotonamente sem despertar o menor interesse do público. Os candidatos não têm o quê dizer, ou são coibidos de dizer o que pensam. Quando aludem aos intrumentos de exceção e ao retorno ao Estado de Direito, são advertidos e censurados publicamente. Apegam-se, assim, a temas inofensivos e abstratos. O "milagre brasileiro" que era o sal da propaganda fascista virou água de barrela com a crise que se aprofunda. Em grande parte, os candidatos afinam pelo diapasão dos bajuladores do regime. Mexem-se de um lado para o outro, mas não encontram auditório para ouvir suas parlapatices. Na televisão são lamentáveis. Os telespectadores mudam de canal no horário gratuito da propaganda eleitoreira ou desligam os aparelhos para não assistirem ao espetáculo degradante dos pretendentes a uma cadeira no Congresso submisso. É a campanha mais melancólica que já houve. E nem poderia ser de outra forma. Com a repetição, a farsa perde todos os artifícios, engana cada vez menos.

Cabe ao eleitorado brasileiro rechaçar a maquinação fascista de 15 de novembro. Votar seria fazer o jogo dos tiranos e admitir que os eleitos possam realizar algo de útil no Parlamento. Embora haja um ou outro nome digno de respeito entre os postulantes, sua eleição em nada modificaria o panorama dos dias de hoje. Se viesse a tomar posição firme de combate à situação vigente, teria o mesmo destino de Francisco Pinto. Calando-se ou acomodando-se às circunstâncias, contribuiria para acobertar o caráter fraudulento dos atuais órgãos legislativos. Por isso, anular o voto, votar em branco ou abster-se de comparecer às urnas é o caminho certo. Esta atitude negativa do eleitor é uma forma de desmascarar a ditadura. Já em 1970 (e também antes) a convocação dos generais aos eleitores mereceu como resposta um NÃO categórico. Apesar da obrigatoriedade do voto, mais da metade do eleitorado negou-se a sufragar a encenação governista. Agora, com maior razão, impõe-se demonstrar o repúdio do povo ao regime militar recusando-se a compartilhar de tão flagrante desrespeito às liberdades dos cidadãos.

Sensível à escolha democrática de seus representantes aos postos de natureza política, o povo brasileiro sempre aspirou a eleições verdadeiras, com amplo debate de idéias e plataformas. Nunca aceitou governantes nomeados ou escolhidos indiretamente. Esta sua legítima aspiração, não há dúvida, só poderá ser alcançada com a derrocada da ditadura e a instauração de um sistema que assegure a livre organização de partidos políticos, a apresentação de candidatos populares, a liberdade de discussão, um regime que garanta o sufrágio universal, direto e secreto, o direito de criticar os governantes e os que exercem funções públicas.

Isolar os generais e ampliar, em todos os sentidos, a frente de oposição e resistência ao fascismo é uma importante tarefa do momento. A intransigência com as manobras eleitorais dos militares ajuda a realização dessa tarefa. Revela o descontentamento das massas e sua condenação ao despotismo. Leva ao fracasso os planos enganosos e escravizadores da

Um Ano de Fascismo no Chile

A 11 de setembro completou um ano que foi derrubado e morto Salvador Allende. Desde então, abateu-se sobre o valoroso povo irmão do Chile uma das piores tiranias que registram os anais latino-americanos. As forças populares do Brasil, apesar das difíceis condições em que vivem, expressaram, por todos os meios, sua solidariedade fraternal às vítimas da sanha dos militares chilenos, censuraram seus horrendos crimes. Também condenaram de modo veemente a participação de agentes da ditadura brasileira na elaboração dos planos golpistas e na aplicação de torturas e outras humilhações aos prisioneiros políticos daquele país. E quando, rememorando a data infausta, se ergueu mais forte do que nunca em todo o mundo o clamor de protesto contra o terrorismo do bando chefiado pelo verdugo Pinochet, nosso povo procurou expressar de diversas formas seu sentimento de repulsa à Junta Militar e aos seus cúmplices e aliados brasileiros.

Ainda estão bem vivos os principais atos do golpe fascista que modificou de maneira tão profunda a situação política na nação andina. Não se pode esquecer o banho de sangue, os fuzilamentos sumários, as prisões em massa, a perseguição indiscriminada aos exilados estrangeiros, as torturas, a queima de livros, os atentados ao que havia de democrático e progressista, o rosário de sofrimentos e amarguras, enfim tudo o que se seguiu à instauração da ditadura militar. Mas do Chile, naqueles dias, não vinha só dor, luto e aflição. Também nos chegavam mensagens de resistência, de heroísmo, de esperança. Sua gente dava testemunhos de coragem e abnegação diante da adversidade. Suas forças democráticas não se intimidavam. A classe operária revelava determinação ante a nova situação. As massas populares demonstravam decisão de continuar a luta emancipadora.

A vida estava indicando que os fascistas não imporiam facilmente seu domínio. Para avançar em seus sinistros objetivos, teriam de intensificar a repressão, tirar a máscara de defensores da lei e da Constituição, mostrar abertamente seu servilismo diante dos amos imperialistas norte-americanos. Com o crescimento da resistência antifascista interna e da solidariedade internacional, mesmo alguns setores reacionários que apoiaram o golpe, esperando dele beneficiar-se, começaram a vacilar e a inquietar-se. Em consequência, os generais da Junta perderam alguns apoios, apareceram como os maiores inimigos e os carrascos mais odiados da imensa maioria da nação.

Neste ano, continuaram a repercutir e a dar preciosos frutos as lições derivadas do golpe e das provações a que está submetido o povo chileno. São ensinamentos que as forças populares do Continente não devem subestimar nem desperdiçar.

Para os revolucionários brasileiros, em especial para os comunistas, ficou mais evidente que não existe nenhuma possibilidade de triunfo da revolução através do chamado caminho pacífico, da via eleitoral, na América Latina. Nem sequer reformas democráticas de certo alcance, como a reforma agrária, podem ser conseguidas. Muito menos o socialismo. Os trustes estadunidenses e seus associados em cada país jamais concordarão em abandonar voluntariamente seus privilégios ou em ceder pacificamente o Poder a fim de que as massas venham a gozar de liberdade e possam construir uma sociedade mais justa. A duras penas os povos latino-americanos estão aprendendo que a Constituição, as leis, as instituições políticas e jurídicas estão a serviço dos poderosos, são interpretadas ou atuam de conformidade com os interesses dominantes. Em nosso país, por exemplo, alimentou-se de várias formas a idéia de que as Forças Armadas situavam-se acima das classes, tinham formação democrática, eram isentas de partidarismo e que só intervinham na vida política como elemento de equilíbrio ou moderação, despidas que estavam de qualquer ambição de mando. Esta velha peta da burguesia serviu para os revisionistas do tipo de Prestes apregoarem a possibilidade de o povo conquistar a vitória por meio do voto, sem luta armada, já que as Forças Armadas, espinha dorsal que sustenta os regimes reacionários, podiam colocar-se a favor das transformações democráticas. As correntes progressistas, se quiserem cumprir seu papel na luta pela libertação nacional e social, precisam romper com tão nociva e falsa idéia, desmascará-la até o fim.

Continua na página 4

Continuação da página 3

No Chile, as Forças Armadas procederam de modo idêntico ao dos militares do Brasil. Anularam a Constituição assim que o exigiram os interesses das classes reacionárias internas e do imperialismo norte-americano. De posse das armas da nação, não lhes custou, no momento em que julgaram conveniente, convocar juristas, políticos e chicanistas para "provar" o que pretendiam. Tal como sucedeu entre nós, nos anos de 1937 e 1964, forjaram planos e arranjaram pretextos para justificar suas ações antinacionais e antipopulares. Igualaram-se até no descaramento. Pinochet diz ter desfechado o golpe e eliminado Allende para se antecipar ao que seria realizado pelo "comunismo internacional" que, segundo ele, queria suprimir "a sangue e fogo a vida de mais de um milhão de chilenos". " A mão de Deus - sentenciou - se fez presente para nos salvar". E mais: "A Junta Militar se viu forçada a impor o estado de guerra para estabelecer a paz e a ordem". É preciso ser muito cínico para acusar Allende de preparar a matança de seus adversários. Mesmo alguns opositores do presidente deposto, reconhecem ter ele agido de modo bastante liberal. O certo é que não adotou as medidas indispensáveis para enfrentar a conspiração direitista. Todavia, a máquina de propaganda do imperialismo e da reação continua a atribuir às forças populares o propósito de liquidar a democracia mediante a utilização das liberdades democráticas.

Na verdade, as Forças Armadas erigiram-se em árbitros dos destinos nacionais, pisoteando o pouco de soberania popular que existia. Empenharam-se em sufocar as aspirações das massas pela liberdade. Colocando-se acima da Constituição que haviam jurado defender, passaram a proteger abertamente os privilégios da minoria exploradora. Arrogaram-se o papel de tutor da nação pelo tempo que melhor lhes parecer. Após eliminar Allende, assassinar milhares de patriotas, destroçar as conquistas dos trabalhadores pondo-os sob ração, restituir carta branca aos monopólios estrangeiros e arrolhar o povo, as Forças Armadas proclamam, hipocritamente, através de Pinochet, chefe da Junta Militar, que a democracia voltará um dia ao Chile. Tal cantilena os brasileiros ouviram dos golpistas de 1964 há uma década, tempo suficiente para terem tirado suas conclusões, Os generais não têm nenhum propósito de restaurar o sistema democrático no país. Suas promessas são simples engodo.

Cabe, porém, indagar de novo: em nome de quem ou por quem a "Junta Militar se viu forçada" a impor a ditadura sanguinária ao povo chileno? Pinochet e seus parceiros respondem invocando Deus ou apelando para os chamados interesses superiores. Entretanto, os recentes debates do Senado Norte-americano a respeito da interferência da CIA nos acontecimentos do Chile provam cabalmente que quem se fez presente na derrubada de Allende não foi Deus, como jurou Pinochet, mas gente de carne e osso, ou melhor, os instrumentos da CIA: seus dólares, seus homens, seus lacaios, o apoio material concreto do governo ianque. O Juíz Supremo, no caso, foi o imperialismo dos Estados Unidos que, na ânsia de dominar o mundo, se investiu da missão de "protetor" da democracia e "zelador" do bem-estar dos povos. Aliás, o atual ocupante da Casa Branca, Gerald Ford, e seu auxiliar Henri Kissinger não vacilaram em declarar que a CIA efetivamente financiou os grupos da reação chilena que se opunham a Allende. Segundo eles, isto era necessário "aos interesses do próprio Chile".

O arquiinimigo da independência das nações latino-americanas é o imperialismo norte-americano. Sua ferocidade e sua falta de escrúpulos não têm limites. Para preservar e intensificar a espoliação e a opressão que mantém sobre nossos países, será capaz das maiores infâmias. Isto não quer dizer que ele seja imbatível. Ao contrário, nas condições atuais do mundo, seu poderio está em evidente declínio. Se bem que armazene armas terríveis, já não consegue fazer tudo o que gostaria. A resistência e a luta dos povos se desenvolveram, elevou-se sua consciência. A situação é cada vez mais favorável à causa da emancipação e do progresso da Humanidade. Mas o imperialismo norte-americano, em desespero, recorrerá a meios ainda mais brutais para salvar-se.

Por essas razões, a derrota do movimento democrático no Chile, assim como os persistentes desígnios de Washington em nosso Continente, tornam obrigatória, imperativa, a unidade de ação das forças populares e antiimperialistas contra o inimigo comum. Tal ação apresenta suas particularidades em cada país. O fortalecimento dessa unidade exige, simultaneamente, o combate aos falsos amigos, aos que, sob o pretexto de <u>detente</u>, se mancomunam com os Estados Unidos objetivando a hegemonia mundial. Referimo-nos ao

Continua na página 6

PATRIOTISMO de FANCARIA

A estória não é tão recente. Tem mais de dez anos. Alegando que os políticos civis eram corruptos e, devido a seu liberalismo, fomentavam a desordem e a subversão, os generais impuseram a ditadura ao país. Vieram para a cena com o pretexto de restaurar a ordem, dar lição de patriotismo e austeridade, reeducar os políticos ou formar uma nova geração deles dentro dos padrões de moral e civismo ensinados nos quartéis. A promessa era de que a obra não tardaria a ser concluída. A vida, porém, encarregou-se de demonstrar que os militares não apenas estavam sequiosos do Poder como também deixavam longe em corrupção e entreguismo os políticos civis. Todos se recordam como começou o general Castelo Branco, o primeiro a ocupar o Palácio do Planalto depois do golpe de 1º de abril. Ele indicou para o cargo de ministro do Exterior outro general, Juraci Magalhães, que não corava em dizer: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil".

O grau de subserviência, venalidade, cupidez e cinismo atingido pelos generais é de estarrecer. Numerosos são os fatos que o atestam. Um dos mais vergonhosos refere-se ao general Breno Borges Fortes. Até há pouco, ele era o chefe do Estado-Maior do Exército. Seu ódio ao povo e sua fobia ao comunismo tornaram-no um dos mais destacados corifeus do regime atual. Extremou-se nas medidas de caça e matança de patriotas, tendo estado no sul do Pará, em setembro de 1972, a fim de coordenar as ações contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia. Acusava, então, os combatentes da selva de terroristas e maus brasileiros. Ele e seus sequazes seriam os bons patriotas e os amigos da ordem... Num foro continental de chefes militares, patrocinado pelos Estados Unidos e realizado o ano passado na Venezuela, Breno Fortes propugnou a perseguição sem tréguas ao movimento popular e antiimperialista na América Latina sob a alegação de que o "perigo comunista" é permanente.

Depois de semelhantes bravatas, o general Breno provou o que realmente é - um inimigo do povo e da Pátria, um lacaio do capital estrangeiro. Assim que caíu na compulsória, abocanhou o posto de presidente da Borregaard S.A., indústria norueguesa de celulose, com sede em Porto Alegre. E o fez justamente no momento em que a opinião pública do Rio Grande do Sul e a do país denunciavam os abusos da empresa imperialista como poluidora relapsa do ambiente que tantos danos vêm causando à população sulina. A empresa chegou a ser fechada pelas autoridades locais que exigiam na produção da celulose a adoção de medidas destinadas a evitar a poluição. Mas, com a interferência do general, logo depois foi reaberta sem modificar em nada o processo antes empregado. Agora, com a denúncia feita pelo presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento, sr. Marcos Pereira Viana, surgiu outra gravíssima acusação à Borregaard: a empresa vem praticando sistematicamente o subfaturamento nas exportações, lesando em grande escala o fisco e o BNDE, sócio dessa indústria e que se vê espoliado na parte do lucro que lhe cabe. Quer dizer, o país está sendo roubado pela firma norueguesa. Esta, sob a direção do general Breno e sem poder negar o fato, tentou invocar atenuantes. Tão séria, porém, é a situação que mesmo um jornal como "O Estado de S. Paulo", que não pode ser acoimado de nacionalista, se viu obrigado a dizer que "o procedimento da Borregaard não admite, absolutamente, que se invoquem circunstâncias atenuantes". Eis aí retratada em poucas linhas a verdadeira fisionomia do general que acusava os guerrilheiros do Araguaia de serem maus brasileiros. Breno Fortes não passa de serviçal do imperialismo, um tipo capaz de negociar em proveito próprio os interesses de seu país. Quanto aos resistentes do sul do Pará, eles continuam lutando em difíceis condições pela liberdade e a independência da Pátria, pelos direitos do povo, contra a ditadura militar entreguista. Sofrendo privações de toda ordem, dormindo ao relento, sujeitos a constantes acessos de malária, só pensam na libertação dos pobres do campo e na emancipação do Brasil do jugo opressor dos monopólios estrangeiros.

Igualmente edificante é o exemplo do ex-ministro das Comunicações do governo Médici, o coronel Higino Corsetti. Também ele falava muito em patriotismo. Mas em 1971 fez uma viagem oficial ao Japão e de lá voltou praticamente como testa-de-ferro da Nippon Eletric Cº. Surpreendentemente, assinou com essa empresa contratos de aquisição de telefones que montavam a quantia superior a 200 milhões de dólares. Esses contratos mereceram reparos da imprensa e críticas da indústria de telecomunicações visto que a NEC era pouco conhecida no Brasil e aqui não tinha infra-estrutura industrial. Tratava-se de escandalosa negociata. As coisas ficaram mais claras em março deste ano. Mal o coronel terminara de passar o cargo a seu sucessor no Ministério das Comunicações, engajou-se na presidência da NEC do Brasil. Numa reportagem há pouco divulgada pela imprensa, afirma-se que o coro-

Cont. na pag. 6

PATRIOTISMO DE FANCARIA (Continuação da página 5)

nel Corsetti, na presidência da empresa nipônica, percebe 45 mil cruzeiros de vencimentos mensais, além de 5 mil cruzeiros para representação. Usufrui, por conta da NEC, as comodidades de uma bela mansão às margens do lago de Brasília, dispondo também de automóvel e motorista. Por menos, evidentemente, ele não poderia "servir à Pátria nem salvar o país do comunismo"...

Merece destaque, ainda, o caso do general Golberi do Couto e Silva, um dos pró-homens do regime militar. No governo de Castelo Branco patrocinou a criação do Serviço Nacional de Informações do qual foi o primeiro chefe. A finalidade precípua desse Serviço é controlar e perseguir os movimentos democráticos e antiimperialistas no país. Depois de haver prestado tão relevante ajuda aos trustes internacionais que espoliam o Brasil, Golberi foi guindado à presidência da Dow Chemical para toda a América Latina, um dos mais poderosos monopólios norte-americanos, parte do chamado complexo-industrial dos Estados Unidos, com grande influência no Pentágono. Amigo íntimo de Geisel, Golberi conseguiu durante a permanência deste na presidência da Petrobrás enormes vantagens para a Dow Chemical no setor da petroquímica. Esse truste detém hoje posições proeminentes no conjunto de Aratu, construído pela Petrobrás. Atualmente, Golberi voltou a ser, depois do ditador, a figura mais representativa do governo. Fácil é identificar os interesses que ele aí defende - o de seus patrões e protetores.

Assim, o entrosamento entre altas patentes militares e os monopólios estrangeiros vai-se ajustando cada vez melhor. Os generais procuram identificar seus mesquinhos interesses e os de camarilhas com os sagrados interesses do Brasil. Mas se desmascaram como vende-pátria e traidores da nação. Servem de cobertura às atividades de rapina do capital financeiro, perseguem os patriotas para facilitar a espoliação do país. Tomando gosto pelas sinecuras e propinas que o Poder lhes propicia, batem-se ferrenhamente pela manutenção da ditadura militar-fascista. Não pretendem sair por livre e espontânea vontade das posições que assaltaram. O povo brasileiro terá que expulsá-los. E só o poderá fazer através de grandes lutas e da ampla união de todos os verdadeiros patriotas e democratas

---

UM ANO DE FASCISMO NO CHILE

Continuação da página 4

social-imperialismo soviético - inimigo não menos perigoso dos povos. Em relação aos acontecimentos do Chile, jamais deve ser olvidada a conduta dúplice dos cabecilhas de Moscou. Ao mesmo tempo que, astutamente, arvoravam a bandeira do socialismo para o povo chileno, semeavam ilusões sobre as Forças Armadas da reação e a viabilidade do caminho pacífico. Apresentavam-se com a máscara de marxistas-leninistas e, juntamente com os revisionistas do Chile, induziam o povo a não se preparar para o choque inevitável, intimidando-o com o espectro da guerra civil. Diziam-se antiimperialistas consequentes e, no entanto, preconizavam uma política de mão estendida ao imperialismo ianque. Em poucas palavras, os social-imperialistas soviéticos e seus seguidores chilenos ajudaram a desarmar ideológica e politicamente as massas trabalhadoras e populares do Chile ante a inelutabilidade do conflito com o imperialismo e a reação. Em consequência, hoje, por mais que os dirigentes da URSS tentem apresentar-se na arena mundial como campeões da luta em defesa do povo chileno, não conseguirão encobrir perante as forças democráticas da América Latina seu comportamento traidor.

Estamos profundamente convencidos de que as grandes massas e as correntes antiimperialistas do Chile, por dura que seja a caminhada, serão capazes de elevar o nível de suas lutas até alcançar a vitória completa e definitiva. Marcharemos lado a lado para derrubar os inimigos que nos oprimem e conquistar um regime de liberdade e bem-estar.

....

RÁDIO TIRANA: 31 e 42 metros - Das 20 às 21 hs. e das 22 às 23 horas

RÁDIO PEQUIM: 25 e 42 metros - Das 19 às 20 horas
19,4 e 32 mts. - Das 21 às 22 horas

Bravo Lutador do Povo

Alfredo - homem simples do campo, antigo morador do sul do Pará, guerrilheiro intrépido - é um nome que não se apagará da memória de sua gente e de todos os patriotas brasileiros. Ele tombou na luta, uma semana depois de iniciada a 3a. Campanha do Exército contra a resistência armada do Araguaia, em 14 de outubro de 1973, próximo de sua roça.

Filho do Pará, tinha 35 anos. Foi vaqueiro, tropeiro, barqueiro, castanheiro e lavrador - as profissões que existem nesses confins do Brasil. Conhecia como ninguém a região e encarnava o destemor e o sofrimento de seu povo. Toda a vida tinha sido um explorado e, também, um revoltado. Há alguns anos, situara-se na condição de posseiro, com sua mulher e três filhos, numa área devoluta do município de São João do Araguaia. Plantava arroz, feijão, milho, cana e mandioca. Vivia, como todos os moradores da zona, com imensas dificuldades. Na época das chuvas, transformava-se por alguns meses em castanheiro, buscando conseguir mais algum recurso para o sustento dos seus. Acontece que a terra donde tirava os meios de subsistência passou a ser alvo da cobiça de grileiros que apareceram às chusmas na região, após a abertura da Transamazônica. Um dia lá estiveram alguns bate-paus, soldados da Polícia Militar e um preposto do pretenso dono do chão. Iam expulsar Alfredo de sua posse. Ele resistiu. Foi ameaçado de morte e intimado a abandonar o local num curto prazo. Não se amedrontou, permaneceu na terra disposto a tudo. "Posseiro que se entrega ao grileiro - dizia - vira andarilho no mundo, sempre com seus bagulhos nas costas sem ter onde cair morto".

No início de 1973, um fato marcante ocorreu em sua vida. Ele se relacionou com os guerrilheiros que então faziam propaganda revolucionária nas circunvizinhanças de sua roça. Já os conhecia de nome e os admirava. Sabia que lutavam contra o cativeiro, contra a grilagem, por uma vida feliz para todo o povo. O contato com a guerrilha significou para ele o encontro do revoltado com a revolta, do injustiçado com a justiça, do oprimido com a liberdade. Expôs com simplicidade a situação em que se encontrava. Desde o primeiro momento, os guerrilheiros colocaram-se ao lado de Alfredo na defesa de sua terra. Organizaram juntos piquetes para proteger a posse. Estabeleceu-se entre eles uma grande e fraterna amizade, forjada no cadinho da luta pelos direitos do povo.

No aniversário da resistência armada do sul do Pará, dia 12 de abril de 1973, Alfredo, como muitos outros lavradores, participou de uma festa comemorativa dessa data, organizada pelo Destacamento Elenira Resende. Nessa reunião discutiram-se as experiências de um ano de dura contenda. Afirmou-se que o inimigo, dispondo de enorme superioridade de força, não conseguira liquidar o movimento guerrilheiro. Este adquirira maior consistência e domínio de atuação na selva. Os êxitos eram devidos em grande parte ao apoio das massas. Apreciaram-se também as debilidades e examinaram-se os meios para corrigí-las. No encerramento, ressoaram canções populares e revolucionárias. O timbre sonoro de dezenas de vozes juvenis ecoou na mataria verde e imensa, enchendo de entusiasmo e confiança os que, audazmente, enfrentavam a tirania. Reinava um ambiente de confraternização e de alegria. Emocionado, Alfredo afirmou que já havia tomado parte em muitas festas, principalmente com os castanheiros. No entanto, era a primeira vez que assistia a uma reunião tão festiva e revolucionária onde imperavam o respeito e a verdadeira camaradagem. Todos pareciam irmãos. Nessa oportunidade ele pediu ingresso na guerrilha.

Nas fileiras dos combatentes da selva, deu mostras de desprendimento, coragem e uma grande vontade de aprender. Colocou sua roça à disposição da guerrilha. Junto com guerrilheiros plantava e fazia farinha. Partilhou com entusiasmo de todas as tarefas. Quando o Destacamento Elenira Resende, ao qual pertencia, atacou o Posto da Polícia Militar na Transamazônica, Alfredo encontrava-se entre os mais decididos realizadores da ação. Abriu, com habilidade, uma picada favorável ao assalto, auxiliou a expulsar os soldados trancados no Posto. Nesta ação foram capturados vários fuzis e a respectiva munição. Ele gostava de ensinar o que sabia. Transmitia aos companheiros suas experiências de vida e sobrevivência na mata. Caçava como poucos, atirava com rara precisão, subia facilmente em qualquer árvore. Mateiro por exce-

cont. na pag. 8

Continuação da página 7

lência, orientava-se com absoluta segurança na floresta. Fabricava com a palha de coqueiro objetos de muita valia como paneiros, cofos, esteiras etc. Era um autêntico mestre no conhecimento dos mil-e-um segredos da selva e no domínio das diversas modalidades de vida dos pobres do campo. Alfredo, porém, não somente ensinava. Aprendia com seus companheiros de armas. A guerrilha foi para ele uma escola. Analfabeto, como quase todos os camponeses, em poucos meses de aprendizagem conseguiu, com grande força de vontade, ler e escrever. Teve com isso uma enorme satisfação. Todas as horas de folga dedicava ao estudo. Aconselhava os outros lavradores a fazerem o mesmo, cuidando transformar o incipiente movimento guerrilheiro numa poderosa força revolucionária. "Guerrilheiro analfabeto - declarava - nunca chegará a ser um bom comandante, nem mesmo um bom combatente". Interessava-se sobremodo pelos problemas políticos. Vibrava de contentamento quando descobria as verdadeiras causas da miséria do povo e do atraso do campo. Lia cuidadosamente o programa da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo. E repetia: "a exploração vai acabar, o cativeiro terá fim".

Logo no primeiro dia da 3a. Campanha, a 7 de outubro, o Exército ocupou a roça de Alfredo. Maltratou sua mulher e seus filhos, mas não conseguiu prender nenhum guerrilheiro. Estes tinham-se refugiado na mata. Preocupado em reforçar as reservas alimentares da guerrilha, ele se dispôs a realizar uma arriscada tarefa. Pretendia apoderar-se de uns porcos que criara e se encontravam nas imediações de sua morada. Corajoso, cheio de confiança em si mesmo, descurou da vigilância. Já tinha efetuado a tarefa quando se chocou com uma patrulha do Exército. Tombou empunhando a arma.

Sua morte repercutiu em toda a região, onde era bastante conhecido e muito estimado. Morreu por uma causa justa: a causa de milhões de camponeses como ele que não têm terra nem sossego, não possuem recursos nem recebem ajuda, explorados toda a vida e abandonados à própria sorte. Sucumbiu palmilhando conscientemente o longo caminho da redenção dos pobres do campo - o caminho da luta armada, da guerra popular, que um dia acabará triunfando e transformando o Brasil num país de liberdade, de justiça social, de vida digna e próspera para todos os seus filhos.

O lugar de Alfredo na guerrilha será ocupado por muitos outros moradores do interior. Eles estão despertando e se levantando. Formarão legiões invencíveis que hão de varrer os bandidos fardados encastelados no Poder, os latifundiários e os imperialistas opressores do povo. A hora da vingança soará em toda a selva amazônica, em todos os quadrantes da Pátria. E chegará a verdadeira emancipação, conquistada com bravura e sacrifício pelos que não querem ser escravos. Eles são a maioria. Assim como a chuva cria condições propícias ao plantio e à boa colheita, o sangue derramado por homens como Alfredo, nos embates com a reação, prepara o amanhã radioso dos trabalhadores das cidades e do campo, o alvorecer de uma terra livre há tanto tempo sonhada por milhões de brasileiros.

"É perfeitamente viável incorporar o campo à revolução. Os camponeses, que constituem grande parte da população brasileira, desejam a liquidação do latifúndio. O monopólio da terra se estende a vastas áreas do território nacional, ao passo que a esmagadora maioria dos que vivem no campo não possui terra, paga a meia e a terça ou trabalha em áreas devolutas nas regiões insalubres e bastante longínquas. No Nordeste, repete-se, freqüentemente, o fenômeno da seca que flagela milhões de camponeses entregues à própria sorte. Levas e levas de trabalhadores, impelidos pela fome, abandonam seus lugares e emigram para as cidades onde não acham abrigo nem trabalho. Encontram-se no campo as massas mais pobres e oprimidas do país, desprovidas de tudo. São vítimas de arbitrariedades de todo tipo, não gozam de nenhum direito. O interior está abandonado e seu atraso é secular. Existe, assim, no campo imenso potencial revolucionário. Os camponeses estão profundamente interessados na derrubada do atual regime e na instauração de um governo realmente popular capaz de realizar profunda reforma agrária e de acabar com a difícil situação em que vivem".

(Do Documento CINQUENTA ANOS DE LUTAS do C.C. do PCdo B.)